v7.n9.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

QUESTÃO SOCIAL, DEFICIÊNCIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE MENTAL EM MUCIZE: UMA ANÁLISE FÍLMICA SOBRE EXCLUSÃO E RECONHECIMENTO

THE SOCIAL QUESTION, DISABILITY, EDUCATION AND MENTAL HEALTH IN MUCIZE: A FILM ANALYSIS OF EXCLUSION AND RECOGNITION

CUESTIÓN SOCIAL, DISCAPACIDAD, EDUCACIÓN Y SALUD MENTAL EN MUCIZE: UN ANÁLISIS CINEMATOGRÁFICO SOBRE EXCLUSIÓN Y RECONOCIMIENTO

Lídia de Jesus Souza[1], Lara dos Santos Silva[2], Rita de Cássia Pereira Farias[3]

e798916
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i9.8916

PUBLICADO: 09/2026

RESUMO

Este artigo analisa o filme *Mucize* (2015), dirigido por Mahsun Kırmızıgül, a partir de uma perspectiva crítica sobre questão social, deficiência, exclusão, educação, saúde mental e reconhecimento social. Trata-se de estudo qualitativo, de natureza bibliográfica e documental, que utiliza a análise fílmica como procedimento metodológico e toma a obra como artefato cultural e narrativa audiovisual. A análise considera elementos narrativos, diálogos, relações entre personagens, condições materiais do território e recursos da linguagem cinematográfica, articulando-os a categorias teóricas previamente delimitadas. Os resultados indicam que a narrativa representa Aziz como sujeito cuja diferença é convertida socialmente em marca de incapacidade, por meio de estigmas, barreiras educacionais, relações familiares e práticas comunitárias. A criação da escola e a atuação do professor Mahir ampliam as possibilidades de aprendizagem, participação e reconhecimento, sem que isso elimine as contradições e desigualdades presentes no território. A discussão sobre saúde mental é desenvolvida a partir da relação entre sofrimento, vínculos, autonomia e participação social, sem atribuir diagnóstico clínico ao personagem. Conclui-se que o principal deslocamento produzido pela narrativa não reside na suposta superação individual da deficiência, mas na transformação parcial das relações sociais que sustentavam a exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Questão social. Deficiência. Educação. Saúde mental. Reconhecimento social.

ABSTRACT

This article analyzes the film Mucize (2015), directed by Mahsun Kırmızıgül, from a critical perspective on the social question, disability, exclusion, education, mental health, and social recognition. It is a qualitative, bibliographic, and documentary study that uses film analysis as its methodological procedure and approaches the film as a cultural artifact and audiovisual narrative. The analysis considers narrative elements, dialogues, relationships among characters, material conditions of the territory, and resources of cinematic language, articulating them with previously defined theoretical categories.

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal de Viçosa (PGPS/UFV). Mestre em Economia Doméstica e graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal de Viçosa (PGPS/UFV). Mestre em Ciências da Saúde e graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
[3] Doutora em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal de Viçosa (PGPS/UFV), Minas Gerais, Brasil.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

The findings indicate that the narrative represents Aziz as a subject whose difference is socially transformed into a mark of incapacity through stigma, educational barriers, family relations, and community practices. The creation of the school and the actions of teacher Mahir expand possibilities of learning, participation, and recognition, without eliminating the contradictions and inequalities present in the territory. Mental health is discussed through the relationship among suffering, social bonds, autonomy, and participation, without assigning a clinical diagnosis to the character. The study concludes that the main shift produced by the narrative does not lie in an alleged individual overcoming of disability, but in the partial transformation of the social relations that sustained exclusion.

KEYWORDS: *Social question. Disability. Education. Mental health. Social recognition.*

RESUMEN
Este artículo analiza la película Mucize (2015), dirigida por Mahsun Kırmızıgül, desde una perspectiva crítica sobre la cuestión social, la discapacidad, la exclusión, la educación, la salud mental y el reconocimiento social. Se trata de un estudio cualitativo, de naturaleza bibliográfica y documental, que utiliza el análisis cinematográfico como procedimiento metodológico y considera la obra como un artefacto cultural y una narrativa audiovisual. El análisis contempla elementos narrativos, diálogos, relaciones entre personajes, condiciones materiales del territorio y recursos del lenguaje cinematográfico, articulándolos con categorías teóricas previamente delimitadas. Los resultados indican que la narrativa representa a Aziz como un sujeto cuya diferencia es transformada socialmente en una marca de incapacidad mediante el estigma, las barreras educativas, las relaciones familiares y las prácticas comunitarias. La creación de la escuela y la actuación del profesor Mahir amplían las posibilidades de aprendizaje, participación y reconocimiento, sin eliminar las contradicciones y desigualdades presentes en el territorio. La salud mental se aborda a partir de la relación entre sufrimiento, vínculos sociales, autonomía y participación, sin atribuir un diagnóstico clínico al personaje. Se concluye que el principal desplazamiento producido por la narrativa no reside en una supuesta superación individual de la discapacidad, sino en la transformación parcial de las relaciones sociales que sostenían la exclusión.

PALABRAS CLAVE*: Cuestión social. Discapacidad. Educación. Salud mental. Reconocimiento social.*

1. INTRODUÇÃO

O filme *Mucize* (2015), dirigido por Mahsun Kırmızıgül, é uma produção cinematográfica turca ambientada nas montanhas da Turquia na década de 1960. A história acompanha Mahir, um professor transferido para uma comunidade rural marcada pelo isolamento geográfico, pela pobreza e pelo acesso restrito à educação formal. Nesse contexto, destaca-se a trajetória de Aziz, homem com deficiência que vivencia processos de estigmatização, desvalorização e restrição de sua participação social. A escolha da obra como objeto de análise decorre da possibilidade de problematizar, por meio da narrativa cinematográfica, as relações entre desigualdade social, deficiência, educação, cuidado, saúde mental e reconhecimento.

Apesar de se referir à década de 1960, o filme permite importantes reflexões, por revelar como as pessoas com deficiência foram submetidas a diferentes formas de segregação,

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

institucionalização, estigmatização e invisibilização, ao longo da história. Na segunda metade do século XX, ganharam força marcos internacionais orientados à afirmação de direitos, participação e igualdade. A Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, proclamada pela Organização das Nações Unidas em 1975, e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada em 2006 e promulgada no Brasil pelo Decreto nº 6.949/2009 (Brasil, 2009), integram esse processo. No presente estudo, tais marcos são mobilizados como referência para compreender a deficiência no campo dos direitos, sem pressupor que a representação ficcional do filme constitua registro documental da realidade histórica.

Apesar dos avanços normativos e institucionais, atitudes capacitistas continuam produzindo estigmatização e barreiras à participação das pessoas com deficiência. Caldas *et al*. (2025) discutem o capacitismo como dimensão relevante das barreiras à inclusão. Nesse sentido, torna-se necessário compreender como diferenças corporais e comportamentais são interpretadas e convertidas em desigualdades nas relações sociais. Embora o filme esteja situado em outro contexto histórico e social, sua narrativa permite examinar como condições materiais, relações de poder e formas de classificação participam da produção da exclusão.

A discussão sobre exclusão também envolve os processos pelos quais determinados corpos e comportamentos são classificados como inadequados ou desviantes. Foucault (1978; 2010) analisa historicamente mecanismos de classificação, separação e normalização, enquanto Goffman (1988) demonstra como o estigma pode reduzir a identidade de uma pessoa a um atributo socialmente desvalorizado. No campo da deficiência, Diniz (2012) desloca a análise de uma explicação exclusivamente individual para a relação entre corpo, barreiras e sociedade. Assim, a análise do filme parte do pressuposto de que a diferença não produz, por si mesma, exclusão; são as relações sociais e as barreiras construídas em torno dela que podem restringir participação, autonomia e reconhecimento.

A educação constitui, nesse contexto, uma dimensão fundamental da vida social e um direito cuja efetivação depende de condições materiais e institucionais. A escola pode ampliar oportunidades de aprendizagem, pertencimento e participação, mas também reproduzir classificações e relações de poder, conforme abordam Silva *et al*. (2026). Bourdieu e Passeron (2023) evidenciam essa dimensão contraditória, enquanto Freire (2002) enfatiza a educação como prática dialógica e possibilidade de transformação. Em *Mucize*, a inexistência inicial de uma escola e sua posterior criação permitem observar como o acesso desigual à educação se articula às condições territoriais e às possibilidades de reconhecimento.

A chegada do professor Mahir e a criação da escola alteram gradualmente as possibilidades de participação de Aziz. A narrativa mostra que ele é inicialmente percebido a

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

partir de estereótipos de incapacidade, enquanto a relação pedagógica cria situações em que suas capacidades podem ser reconhecidas. A escola, contudo, não é apresentada de forma unívoca: constitui instituição que organiza, disciplina e transmite normas, mas também pode abrir espaços de resistência às classificações previamente atribuídas. A análise, portanto, não trata a educação como solução individual, mas como uma mediação social que pode ampliar possibilidades de participação quando articulada a relações de reconhecimento.

Diante disso, questiona-se: como o filme *Mucize* representa a articulação entre desigualdade socioeconômica e territorial, produção social da diferença, educação e relações de reconhecimento, e quais implicações essa representação produz para a compreensão do sofrimento, do cuidado e da participação social de Aziz? O objetivo geral é analisar, no filme *Mucize* (2015), como essas dimensões se articulam na produção e no enfrentamento de processos de exclusão e estigmatização, considerando também suas repercussões sobre autonomia, reconhecimento e saúde mental.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, tendo como procedimento metodológico a análise fílmica do longa-metragem *Mucize* (2015), dirigido por Mahsun Kırmızıgül. A escolha da abordagem qualitativa decorre da natureza do objeto investigado, uma vez que o estudo busca compreender sentidos, relações sociais, formas de representação e processos de exclusão e reconhecimento construídos pela narrativa cinematográfica, sem pretensão de mensuração estatística ou de generalização dos resultados para além do corpus analisado (Minayo, 1996).

O filme foi tomado como documento audiovisual e artefato cultural, considerando-se que sua narrativa constitui uma representação construída por escolhas de roteiro, direção e linguagem cinematográfica. Conforme Loizos (2008), imagens e produções audiovisuais constituem materiais relevantes para a pesquisa qualitativa, pois possibilitam apreender situações, comportamentos, relações e significados sociais. Embora ambientada narrativamente na década de 1960, a obra foi produzida em 2015, não sendo utilizada como registro transparente da realidade histórica ou social da Turquia. Desse modo, as situações apresentadas foram analisadas como representações cinematográficas de relações, conflitos e experiências sociais, evitando-se transformar os acontecimentos ficcionais em evidências diretas sobre a sociedade turca daquele período.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com a finalidade de subsidiar teoricamente a interpretação do material audiovisual, contemplando produções relacionadas às categorias e aos problemas analíticos mobilizados no estudo, especialmente questão social, desigualdade social e territorial, deficiência, capacitismo, estigma, exclusão, educação, reconhecimento, cuidado e saúde mental. Foram consideradas produções acadêmicas disponíveis em bases de pesquisa, particularmente o Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), além das obras teóricas selecionadas para fundamentar a análise. O levantamento bibliográfico não teve como finalidade realizar uma revisão sistemática da literatura, mas construir o referencial necessário como suporte teórico analítico à investigação.

No desenvolvimento da análise, inicialmente, realizou-se a visualização integral do filme, buscando-se uma aproximação abrangente com sua narrativa, personagens, temporalidade, espaços, relações sociais e principais conflitos. Essa etapa teve caráter exploratório e permitiu identificar situações recorrentes relacionadas ao problema e ao objetivo da pesquisa. Posteriormente, procedeu-se a uma segunda aproximação analítica do material, com atenção às sequências narrativas nas quais foram representados processos de desigualdade, exclusão, estigmatização, deficiência, educação, cuidado, participação, reconhecimento e sofrimento.

A partir das unidades de registro, realizou-se a codificação temática dos fenômenos sociais representados. Os códigos foram posteriormente agrupados segundo sua convergência temática e relação com o problema de pesquisa e o referencial teórico, resultando em cinco categorias analíticas**:** (1) questão social e desigualdade socioeconômica; (2) desigualdade territorial e acesso a direitos e políticas sociais; (3) deficiência, estigma e capacitismo; (4) educação, reconhecimento e participação social; e (5) saúde mental, cuidado e autonomia**.**

A utilização desses eixos não significa que os fenômenos representados no filme sejam independentes entre si. Ao contrário, a análise parte da compreensão de que as dimensões econômica, territorial, educacional, relacional e subjetiva se articulam na produção das experiências sociais. A divisão em eixos teve finalidade analítica e organizadora, permitindo aprofundar diferentes dimensões do objeto sem perder de vista sua interdependência. A interpretação das sequências selecionadas foi realizada mediante um movimento de aproximação entre o material empírico e o referencial teórico. Nesse processo, as situações representadas no filme foram descritas em seus elementos narrativos e cinematográficos e, posteriormente, problematizadas a partir dos conceitos mobilizados na pesquisa.

As categorias foram interpretadas de forma articulada ao referencial teórico. A questão social e as desigualdades foram discutidas a partir de Iamamoto (2018; 2022); a exclusão e a

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

desigualdade territorial, em diálogo com Costa e Ianni (2018), Sawaia (2017), Castel (2008) e Lefebvre (2006); deficiência, estigma e produção social da diferença foram analisados a partir de Diniz (2012), Goffman (1988) e Foucault (1978; 2010); educação e reconhecimento foram discutidos com base em Bourdieu e Passeron (2023), Freire (2002) e Fraser (2006); e saúde mental, cuidado e autonomia foram discutidos a partir de Basaglia (1991) e Amarante (2007).

No eixo relacionado à saúde mental, adotou-se especial cautela para não converter comportamentos, características corporais ou formas de comunicação apresentadas pelo personagem em diagnósticos clínicos. A análise considera o sofrimento e as experiências de isolamento e desvalorização como dimensões que podem ser problematizadas socialmente, especialmente a partir das contribuições da atenção psicossocial, mas não pretende estabelecer diagnóstico de transtorno mental ou deficiência intelectual para qualquer personagem. Essa delimitação é necessária para preservar a distinção entre a interpretação sociológica da representação cinematográfica e a avaliação clínica.

Do mesmo modo, as interpretações referentes ao Estado, às políticas públicas e às condições de acesso a direitos foram realizadas considerando o que a narrativa cinematográfica efetivamente representa. A ausência ou insuficiência de determinados serviços e equipamentos públicos no universo narrativo foi compreendida como elemento da representação da desigualdade territorial e do acesso desigual a direitos, sem que fosse utilizada como prova direta da organização estatal ou das condições históricas concretas da Turquia na década de 1960. A presença do professor Mahir, enquanto agente vinculado à educação pública, também foi considerada na análise, permitindo compreender a representação de uma presença estatal contraditória, simultaneamente limitada e capaz de produzir alterações nas relações sociais.

A análise também considerou a posição das pesquisadoras diante do corpus, reconhecendo que a interpretação fílmica não constitui uma leitura neutra ou única da obra. As categorias analíticas representam uma construção interpretativa orientada pelo problema de pesquisa e pelo referencial teórico adotado. Dessa maneira, os resultados apresentados correspondem à leitura crítica realizada sobre as representações produzidas pelo filme, não sendo compreendidos como descrição objetiva ou exaustiva da realidade social representada.

Por fim, o percurso analítico compreendeu visualização integral, seleção das unidades de registro, codificação temática, agrupamento dos códigos nas cinco categorias e interpretação mediante articulação entre corpus e referencial teórico.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Questão social, deficiência, educação e reconhecimento: fundamentos para a análise

A questão social constitui categoria central para compreender desigualdades produzidas nas relações sociais capitalistas. Para Iamamoto (2018; 2022), suas expressões materializam as contradições entre produção social da riqueza e desigualdade na apropriação das condições necessárias à reprodução da vida. Pobreza, precarização e desigualdade, portanto, não devem ser reduzidas a características individuais, mas analisadas em suas determinações históricas, econômicas, políticas e sociais.

Essa perspectiva permite situar a deficiência no interior de relações sociais mais amplas, sem transformar a diferença corporal em explicação suficiente para a exclusão. Costa e Ianni (2018) compreendem inclusão e exclusão como processos relacionais, enquanto Sawaia (2017) chama atenção para dimensões como sofrimento, desqualificação e restrição das possibilidades de participação. A análise do filme mobiliza essas contribuições para compreender como desigualdade material e desvalorização social podem atuar conjuntamente.

A marginalidade constitui outra dimensão relevante, especialmente quando determinados sujeitos ou territórios são posicionados nas fronteiras das oportunidades socialmente disponíveis. Oliveira e Pereira (2014) discutem a marginalidade como resultado de processos sociais e discursivos que produzem posições inferiorizadas. No filme, o isolamento territorial da comunidade não é tratado como sinônimo de marginalidade em si, mas como elemento que, na narrativa, se articula à precariedade de infraestrutura, ao acesso limitado a serviços e às oportunidades educacionais.

A produção social da diferença envolve, ainda, a definição de padrões de normalidade. Foucault (1978; 2010) demonstra como classificações e práticas de normalização estabelecem fronteiras entre comportamentos considerados aceitáveis e desviantes. Essa contribuição é utilizada neste artigo como ferramenta interpretativa para analisar a posição atribuída a Aziz, sem equiparar sua condição de deficiência à loucura ou à anormalidade clínica.

O conceito de estigma, desenvolvido por Goffman (1988), aprofunda essa compreensão ao demonstrar como determinado atributo pode dominar a percepção social sobre um indivíduo e reduzir sua identidade àquilo que é socialmente desvalorizado. No campo da deficiência, Diniz (2012) permite deslocar a análise de uma perspectiva estritamente individualizante para a relação entre corpo, barreiras sociais, culturais e institucionais. A diferença corporal, assim, não produz automaticamente exclusão; ela pode tornar-se fundamento da marginalização quando atravessada por relações sociais que restringem participação e reconhecimento.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A educação ocupa lugar significativo por constituir simultaneamente direito social e instituição que organiza conhecimentos, comportamentos e formas de participação. Bourdieu e Passeron (2023) mostram que o sistema educacional pode reproduzir desigualdades ao legitimar determinados conhecimentos e formas culturais, enquanto Freire (2002) enfatiza o potencial dialógico e transformador da prática educativa. A escola, portanto, é compreendida neste estudo em sua dimensão contraditória: pode reproduzir relações de poder e, em determinadas condições, ampliar oportunidades de reconhecimento e participação.

No caso de *Mucize*, essa contradição é relevante para interpretar a atuação de Mahir. Sua prática pedagógica não elimina as desigualdades estruturais da comunidade, mas interfere nas relações estabelecidas com Aziz e cria oportunidades anteriormente negadas. A educação é, desse modo, analisada como mediação social, e não como mecanismo automático de emancipação.

A discussão sobre saúde mental amplia a análise ao deslocar o sofrimento de uma explicação exclusivamente clínica. Basaglia (1991) critica práticas que transformam o sujeito em objeto de intervenção e controle, enquanto Amarante (2007) enfatiza território, vínculos, autonomia e cidadania na atenção psicossocial. Neste artigo, essas contribuições não são utilizadas para diagnosticar Aziz, mas para interpretar como isolamento, desvalorização, restrição da participação e relações de cuidado podem afetar a experiência social de um sujeito.

A dimensão do reconhecimento permite articular desigualdade material e participação social. Fraser (2006) argumenta que a justiça social não se reduz à distribuição, envolvendo também o status social e a possibilidade de participação como par. Essa perspectiva é particularmente útil para a análise de Aziz: a ampliação de suas possibilidades não depende apenas do acesso a recursos, mas também da transformação das relações que o definem como incapaz e restringem sua condição de participante da vida coletiva.

3.2. Vulnerabilidade socioeconômica, desigualdade territorial e limites da presença estatal

Para a análise dos resultados, foram considerados personagens e grupos que desempenham funções relevantes na construção das relações sociais representadas pela obra. O Quadro 1 sintetiza essas posições para facilitar a leitura. As descrições referem-se à narrativa cinematográfica e não pretendem produzir generalizações sobre a sociedade turca ou sobre pessoas com deficiência.

A narrativa de *Mucize* representa a comunidade em que Aziz vive como território marcado por precariedade material, isolamento geográfico e acesso limitado a serviços públicos. A chegada de Mahir evidencia dificuldades relacionadas à infraestrutura escolar, ao

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

deslocamento e à comunicação com a cidade. Essa representação permite compreender a pobreza não apenas como insuficiência de renda, mas como condição que, no interior da narrativa, interfere nas possibilidades de acesso a direitos e participação social.

Quadro 1. Personagens centrais de *Mucize* e suas representações sociais

Personagem	Características principais	Condições sociais	Contribuição social e simbólica no filme
Aziz	Homem com deficiência, apresentado pela narrativa com dificuldades de comunicação, locomoção e interação social; sensível e marginalizado.	Morador da vila, inserido em contexto de pobreza, isolamento territorial e relações familiares marcadas por cuidado e desvalorização.	Permite analisar estigma, capacitismo e barreiras sociais. Sua trajetória evidencia mudanças nas relações de participação e reconhecimento, sem representar "superação" da deficiência.
Professor Mahir	Professor vindo da cidade, comprometido com a educação pública e com a ampliação do acesso à escola.	Funcionário do Estado deslocado para uma comunidade rural representada como isolada e com acesso restrito à educação.	Personifica uma presença estatal contraditória: inicialmente insuficiente no território, mas capaz, por meio da ação educacional, de ampliar oportunidades de participação e reconhecimento.
Mizgin	Jovem prometida em casamento; sua trajetória é atravessada por expectativas familiares e normas de gênero.	Inserida em relações familiares e comunitárias marcadas por tradições e assimetrias de gênero.	Permite problematizar gênero, cuidado, relações afetivas e reconhecimento, sem reduzir sua atuação à função de "reabilitar" Aziz.
Mukhtar (Chefe da vila)	Líder local, vinculado às tradições da comunidade e às relações de autoridade.	Ocupa posição de poder na organização comunitária representada no filme.	Evidencia negociações entre tradição, autoridade local e introdução da escola, permitindo observar tensões na transformação das relações comunitárias.
(continua)			

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Quadro 1. Personagens centrais de *Mucize* e suas representações sociais. (conclusão)

Personagem	Características principais	Condições sociais	Contribuição social e simbólica no filme
Mãe de Aziz	Principal cuidadora de Aziz, responsável por atividades cotidianas de cuidado, higiene, alimentação e proteção.	Exerce trabalho de cuidado no âmbito familiar, em contexto de respostas públicas limitadas às necessidades apresentadas na narrativa.	Evidencia a dimensão social do cuidado e a sobrecarga/invisibilidade do trabalho doméstico realizado pelas mulheres, além da centralidade da família na proteção de Aziz.
Moradores da vila	Coletivo representado por diferentes posições diante da educação, da deficiência e das mudanças introduzidas pela escola.	Comunidade representada em contexto de pobreza, isolamento territorial e acesso restrito à educação e a serviços.	Constitui o principal espaço relacional no qual se produzem estigma, resistência, negociação e posterior deslocamento de algumas formas de reconhecimento.

Fonte: Autoria própria a partir do contexto do filme, 2026.

O isolamento da vila assume dimensão social e política porque, no filme, a distância dos centros urbanos aparece articulada à precariedade das condições necessárias à reprodução da vida coletiva. A dificuldade de transporte e a inexistência inicial da escola indicam uma distribuição desigual de oportunidades. Mais do que afirmar um abandono estatal absoluto, a análise permite identificar uma presença pública insuficiente e tardia, posteriormente personificada na chegada de Mahir como professor.

A condição periférica atinge o conjunto dos moradores representados, submetidos a restrições educacionais, econômicas e de circulação. Oliveira e Pereira (2014) contribuem para compreender como processos sociais podem deslocar grupos para posições inferiorizadas. No filme, a vila pode ser interpretada como espaço socialmente desfavorecido, sem que essa representação seja tomada como descrição generalizável da população rural turca.

Essa realidade também pode ser aproximada da noção de desfiliação de Castel (2008), entendida como enfraquecimento das formas de integração e proteção social. A precariedade material, associada à fragilidade das redes de participação, ajuda a compreender a posição de sujeitos que permanecem inseridos na comunidade, mas afastados de recursos e oportunidades. Aziz vivencia uma sobreposição de vulnerabilidades: pertence a um território representado como

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

periférico e, dentro dele, é colocado em posição de maior afastamento em razão da diferença que lhe é atribuída.

A dimensão territorial demonstra que o espaço representado não funciona apenas como cenário. Lefebvre (2006) compreende o espaço como produção social atravessada por relações de poder. No filme, a precariedade territorial condiciona circulação, acesso à educação e oportunidades de convivência. A escola, por sua vez, introduz um novo espaço de socialização e participação, alterando parcialmente as relações anteriormente estabelecidas.

A trajetória de Aziz deve, portanto, ser compreendida em relação às condições territoriais e sociais representadas pela obra. A pobreza e a insuficiência da presença estatal não constituem explicações únicas para sua exclusão, mas compõem o contexto no qual as relações familiares e comunitárias se desenvolvem. A criação da escola e a atuação de Mahir introduzem uma ruptura nessa dinâmica, ampliando as condições de participação e reconhecimento sem eliminar as desigualdades estruturais do território.

3.3. A produção social do corpo “anormal”: estigma, deficiência e exclusão

Aziz é inicialmente apresentado pelo olhar dos outros, antes de o espectador ter acesso ampliado a seus desejos, capacidades e formas de subjetivação. Seu corpo, sua maneira de se movimentar, suas dificuldades de comunicação e seu comportamento são interpretados pela comunidade como sinais de incapacidade. Foucault (1978; 2010) oferece ferramentas para compreender como classificações sociais produzem fronteiras entre normalidade e desvio. Em *Mucize*, essa dinâmica coloca Aziz em posição de exterioridade dentro da própria comunidade.

A figura do “anormal”, em Foucault (2010), é constituída por práticas e discursos que classificam condutas e indivíduos. No filme, a comunidade antecipa o que Aziz seria ou não capaz de realizar, restringindo suas possibilidades antes que possa demonstrá-las. O estigma, em Goffman (1988), ajuda a compreender esse mecanismo: a diferença passa a orientar a percepção dos demais e a reduzir o personagem à condição daquele que não corresponde às expectativas socialmente estabelecidas.

Essa dinâmica aparece nas cenas em que crianças cercam Aziz, o insultam e o agridem, utilizando termos que o identificam como “maluco”. A violência é analisada como prática de estigmatização no interior da narrativa, e não como evidência de uma condição psiquiátrica do personagem. A família também participa, inicialmente, dessa lógica ao demonstrar dificuldade em reconhecer suas possibilidades para além da incapacidade que lhe atribui. A ideia de que sua “selvageria” teria sido controlada pela escrita evidencia expectativas de adequação a padrões socialmente valorizados.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Diniz (2012) contribui para compreender a deficiência para além de uma perspectiva estritamente biomédica, considerando a relação entre características corporais e condições sociais que ampliam ou restringem a participação. No caso de Aziz, as dificuldades apresentadas pela narrativa tornam-se mais significativas diante de barreiras como a ausência de oportunidades educacionais, o isolamento e o descrédito. Le Breton (2007) permite acrescentar que o corpo é também atravessado por significados culturais e sociais, de modo que movimentos, aparência e formas de comunicação são avaliados segundo padrões compartilhados.

A associação entre diferença e incapacidade aparece ainda na dificuldade de Aziz em ocupar espaços valorizados, como trabalho, educação, convivência e constituição de uma família. A relação com Mizgin amplia essa discussão, pois o casamento é inicialmente atravessado por expectativas familiares e comunitárias sobre a capacidade de Aziz. A mudança posterior da relação não significa “cura” ou superação da deficiência, mas alteração parcial das formas pelas quais o personagem é reconhecido.

A transformação da imagem social de Aziz não deve ser interpretada como “superação da deficiência”. Essa leitura recolocaria a responsabilidade no indivíduo, como se a inclusão dependesse de sua aproximação aos padrões considerados normais. O que a narrativa permite observar é uma transformação nas relações sociais: aprendizagem, vínculos afetivos e participação em novos espaços contribuem para modificar a forma como o personagem é percebido.

A escola, a relação com Mahir, o vínculo com Mizgin e a mudança progressiva da postura familiar produzem possibilidades de reconhecimento anteriormente negadas. A trajetória de Aziz, portanto, não representa a passagem de um indivíduo “anormal” para um indivíduo “normal”, mas a possibilidade de deslocamento de uma posição social marcada pela inferiorização. Essa distinção é central para evitar uma interpretação individualizante da deficiência.

3.4. A escola entre sujeição e resistência: educação, reconhecimento e transformação social

A chegada do professor Mahir introduz uma ruptura em uma comunidade na qual o acesso à educação escolar praticamente não fazia parte das experiências cotidianas representadas. A inexistência da escola evidencia que a desigualdade territorial também se manifesta no campo educacional. A escola passa a representar acesso a conhecimentos, convivência e novas possibilidades de participação, mas não deve ser tomada automaticamente como espaço emancipatório.

Bourdieu e Passeron (2023) permitem compreender a dimensão reprodutiva da instituição escolar, enquanto Foucault (2010) chama atenção para processos de disciplina e

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

normalização. No caso de Aziz, sua entrada na escola não elimina imediatamente as expectativas de normalidade. A questão analítica está justamente na contradição entre uma instituição que organiza e disciplina e, simultaneamente, pode reconhecer sujeitos anteriormente excluídos de seus espaços.

A resistência inicial da comunidade demonstra que o acesso à escola não produz automaticamente inclusão. As reações de crianças e moradores revelam a permanência do estigma mesmo quando Aziz passa a frequentar o espaço escolar. Diniz (2012) contribui para compreender essa diferença entre acesso e inclusão efetiva: a participação depende também das relações estabelecidas no espaço e das barreiras que podem permanecer presentes.

A experiência de Aziz pode ainda ser interpretada a partir de Freire (2002), para quem a educação se constitui como prática fundada no diálogo e na possibilidade de transformação da realidade. A atuação de Mahir aproxima-se dessa perspectiva ao não aceitar como definitiva a posição social atribuída a Aziz. A relação pedagógica cria oportunidades para que ele participe de experiências anteriormente negadas, fazendo da aprendizagem uma dimensão também relacional e social.

Nesse processo, o reconhecimento constitui dimensão fundamental. Fraser (2006) permite compreender que justiça social envolve também superar padrões de desvalorização que impedem determinados sujeitos de participar em condições de paridade. Reconhecer Aziz significa, no interior da narrativa, não apenas permitir sua presença na escola, mas considerá-lo capaz de aprender, conviver, estabelecer vínculos e participar. A transformação, entretanto, possui limites, pois a escola não elimina isoladamente pobreza, estigma ou desigualdades territoriais.

A escola em *Mucize* constitui, assim, espaço simultaneamente de sujeição e resistência. Como instituição social, estabelece regras e organiza comportamentos; ao mesmo tempo, pode criar possibilidades de reconhecimento e questionar classificações que restringem a existência dos sujeitos. A contribuição mais significativa da escola, na narrativa, está em criar condições para que a diferença deixe de funcionar como justificativa para a exclusão, sem pressupor que a instituição possa, sozinha, produzir transformação social.

3.5. Saúde mental, cuidado e reconhecimento: limites da narrativa da superação

A trajetória de Aziz permite problematizar a relação entre saúde mental, sofrimento, cuidado e reconhecimento, porque sua experiência é atravessada por isolamento, desvalorização e restrições à participação social. O filme não apresenta diagnóstico clínico que autorize classificar o personagem em termos psiquiátricos; por isso, saúde mental é utilizada neste estudo como dimensão relacionada às condições de vida, aos vínculos, à autonomia e às

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

possibilidades de participação. A rejeição familiar e comunitária e a ausência de espaços de convivência compõem, na narrativa, experiências potencialmente relacionadas ao sofrimento social.

Basaglia (1991) contribui para questionar formas de cuidado que transformam o sujeito em objeto de intervenção e retiram sua autonomia. Embora Aziz não esteja inserido em uma instituição manicomial, sua trajetória pode ser lida como uma forma de confinamento social no interior da própria comunidade: permanece fisicamente no território, mas é afastado de atividades, relações e espaços de participação. Amarante (2007), por sua vez, enfatiza território, vínculos, autonomia e cidadania como dimensões fundamentais da atenção psicossocial. Essas contribuições permitem compreender o cuidado para além da tutela.

A relação entre cuidado e autonomia exige também problematizar a posição ocupada por Mahir. Embora suas atitudes rompam com a lógica de desvalorização vivenciada por Aziz, o professor ocupa posição diferenciada de poder e conhecimento. O cuidado tende a ser emancipatório quando amplia possibilidades de decisão e participação, e não quando substitui a capacidade do sujeito. Na narrativa, a mudança de Aziz é acompanhada por sua participação mais ativa na escola, nos vínculos afetivos e na vida social.

Essa leitura permite questionar a ideia de “superação” apresentada pelo salto temporal ao final do filme. A representação de Aziz como homem autônomo e socialmente integrado pode ser lida, de modo acrítico, como se ele tivesse “vencido” sua deficiência. Entretanto, a análise aqui proposta privilegia outra interpretação: o percurso é resultado de transformações nas barreiras e relações que anteriormente restringiam sua participação. O reconhecimento não se reduz à mudança individual, mas envolve a alteração do status social atribuído ao personagem.

Mucize permite, portanto, discutir saúde mental, cuidado e reconhecimento para além da dimensão clínica, relacionando-os às condições sociais de existência, aos vínculos e às possibilidades de participação. O “milagre” pode ser interpretado como uma metáfora narrativa para o deslocamento de um sujeito anteriormente reduzido à incapacidade para uma posição de maior aprendizagem, afetividade, autonomia e pertencimento. Essa leitura não elimina as contradições da narrativa nem transforma a educação ou o afeto em soluções isoladas para desigualdades estruturais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Mucize* (2015) permitiu compreender que a trajetória de Aziz não pode ser interpretada apenas como uma história individual de superação. A narrativa representa a articulação entre questão social, desigualdade socioeconômica, desigualdade territorial, acesso

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

limitado a direitos e serviços, estigma, capacitismo e restrições à participação social. Essas dimensões atravessam as relações familiares e comunitárias e interferem nas possibilidades de reconhecimento e inserção dos sujeitos na vida coletiva.

A análise evidenciou, ainda, que a diferença atribuída a Aziz é socialmente significada como incapacidade por meio de discursos, olhares e práticas que produzem sua desvalorização. Nessa perspectiva, a deficiência não é compreendida exclusivamente a partir de características individuais, mas em sua relação com as barreiras sociais e relacionais representadas na narrativa. O deslocamento observado ao longo do filme ocorre, portanto, não pela eliminação da diferença, mas pela transformação parcial das relações que anteriormente restringiam a participação do personagem.

A desigualdade territorial constitui outra dimensão relevante da narrativa. O isolamento da comunidade e as dificuldades de acesso a instituições e serviços representam condições que limitam oportunidades educacionais e sociais. Entretanto, a análise não permite afirmar que o filme constitua representação direta das condições históricas da sociedade turca na década de 1960. Trata-se de uma construção cinematográfica posterior, cuja narrativa permite problematizar as relações entre território, acesso a direitos e desigualdade social.

A educação ocupa papel central nesse processo. A criação da escola e a atuação do professor Mahir ampliam as possibilidades de aprendizagem, participação e reconhecimento de Aziz, sem que a educação seja compreendida como solução individual para desigualdades estruturais. A narrativa também permite reconhecer o caráter contraditório da instituição escolar, que pode reproduzir classificações e normas, mas também constituir espaço de reconhecimento e ampliação da participação social.

No campo da saúde mental, a análise possibilitou compreender sofrimento, cuidado e autonomia para além de uma perspectiva exclusivamente clínica. As experiências de isolamento, desvalorização, vínculo e participação representadas na trajetória de Aziz podem ser problematizadas em sua dimensão social e relacional, sem que isso autorize a atribuição de diagnóstico clínico ao personagem. O cuidado, nessa perspectiva, mostra-se mais consistente quando amplia possibilidades de participação e autonomia, em vez de substituir a capacidade de decisão do sujeito.

Conclui-se, portanto, que o “milagre” representado no filme pode ser interpretado menos como a transformação de Aziz em alguém considerado “normal” e mais como a transformação parcial das relações sociais que sustentavam sua posição de inferioridade. A narrativa sugere que inclusão, autonomia e reconhecimento não dependem exclusivamente das características

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

individuais, mas também das condições sociais, educacionais, territoriais e relacionais que possibilitam ou restringem a participação dos sujeitos.

Por fim, reconhece-se que os resultados correspondem à interpretação de uma única obra cinematográfica e, portanto, não podem ser generalizados para a sociedade turca, para as pessoas com deficiência ou para outros contextos sociais e históricos. A principal contribuição do estudo reside em demonstrar o potencial da análise fílmica para problematizar, no campo da Política Social, as relações entre questão social, desigualdade, deficiência, educação, saúde mental, cuidado e reconhecimento, deslocando a compreensão da exclusão de uma perspectiva individualizante para uma abordagem centrada nas relações sociais e nas condições de participação.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. As autoras também agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo suporte financeiro (processo nº 16028).

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BASAGLIA, Franco. **A instituição negada**: relato de um hospital psiquiátrico. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2023.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 26 ago. 2009.

CALDAS, Claudia de Souza Ozores; MALDONADE, Irani Rodrigues; MORAIS E OLIVEIRA, Ana Paula de; NIARADI, Fernanda. Ableism and social inclusion of people with disabilities: an integrative review. **Revista CEFAC**, v. 27, n. 2, e5824, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rcefac/a/M8mgvf5KdgYkyX378DmRHZw/?lang=en. Acesso em: 11 ago. 2026.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Tradução de Iraci D. Poleti. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

COSTA, Maria Izabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner. A dialética do conceito de exclusão/inclusão social. In: COSTA, Maria Izabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner (org.). **Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica**. São Bernardo do Campo: Editora UFABC, 2018. p. 75-101.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". Tradução de Júlio Assis Simões. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14-15, p. 231-239, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

IAMAMOTO, Marilda Villela. "Questão social" no Brasil: relações sociais e desigualdades. **ConCiencia Social**, v. 2, n. 3, p. 27-44, 2018.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 27. ed. São Paulo: Cortez, 2022.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Título original: La production de l'espace. 4. éd. Paris: Anthropos, 2000. Primeira versão: fev. 2006. 476 p.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 137-155.

MINAYO, Maria Cecília de Souza**. O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

MUCIZE. Direção: Mahsun Kırmızıgül. Roteiro: Mahsun Kırmızıgül. Elenco: Mert Turak, Talat Bulut, Büşra Pekin, Cezmi Baskın, Erkan Petekkaya, Ali Sürmeli e Şenay Gürler. Turquia: Boyut Film, 2015. 1 filme (136 min). Disponível em: https://www.netflix.com.

OLIVEIRA, Cleber José de; PEREIRA, Rogério Silva. **Marginalidade contemporânea brasileira:** uma análise do deslocamento discursivo e suas tensões. [S. l.]: Fundación Universitaria Andaluza Inca Garcilaso, 2014.

SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

SILVA, André Costa da *et al*. O direito à educação no Brasil: acesso, desafios e políticas públicas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 12, n. 4, p. 1-14, 2026.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.